

Data: 26.11.2021

Título: Eu quero ser professor

Pub: JORNAL DE **negócios**



QuickCom  
comunicação integrada

Tipo: Jornal Nacional Diário

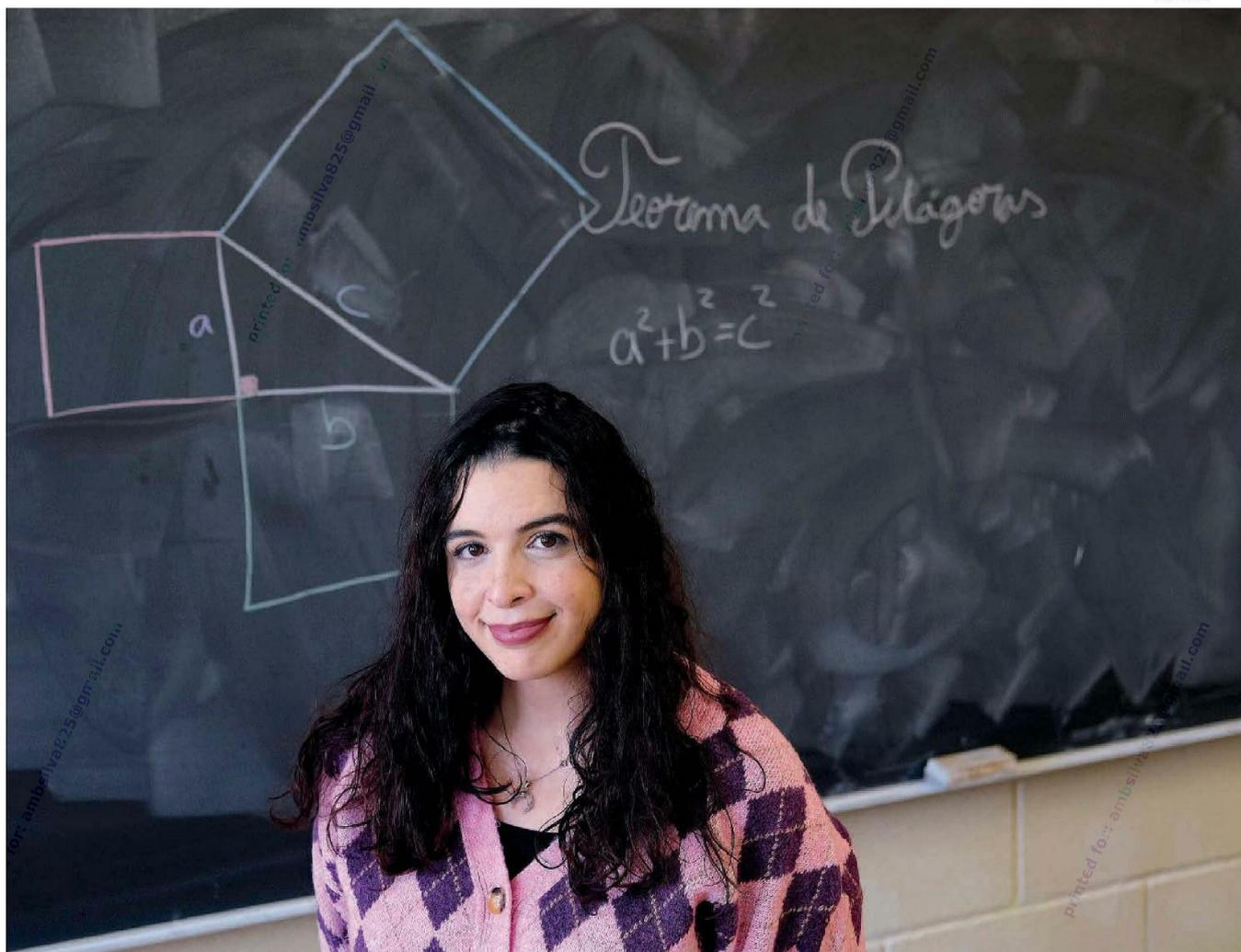
Secção: Nacional

Pág: 10;11;12;13

## ANÁLISE

# Eu quero ser professor

Paulo Duarte



Foram algumas más experiências com docentes na sua disciplina preferida - a Matemática - que fizeram Joana Biscaia, de 25 anos, querer ser professora. Já se está a preparar para andar pelo país de escola em escola.

Área: 2731cm² / 73%

FOTO Tiragem: 16.981

Cores: 4 Cores

ID: 7283377

O que leva alguém a abraçar a carreira docente quando sabe que isso implica entrar num caminho de pedras? O facto de existirem agora mais oportunidades de emprego nas escolas pode ser um incentivo. Mas os alunos dos cursos de formação de professores têm também ideias claras sobre a posição que querem ter na profissão. Pretendem dinamizar as aulas, estimular a aprendizagem dos alunos, inovando nos métodos, e introduzir novas tecnologias no ensino.

**FILIPA LINO**

lino@negocios.pt

**U**

Um mau professor pode fazer com que um aluno sonhe ser professor? A resposta é... sim! Por incrível que pareça, essa é a história de Joana Biscaia, de 25 anos, que está no primeiro ano do mestrado de Ensino em Matemática, na Faculdade de Ciências da Universidade do Porto. Foram algumas más experiências com docentes na sua disciplina preferida – a Matemática –, que a fizeram querer “roubar-lhes” o lugar. “Percebi que os professores estavam a estragar o meu gosto pela Matemática, pela forma como ensinavam. Decidi ser professora para poder ser um bom exemplo para os meus alunos, e fazê-los ter uma experiência melhor.”

Joana já está a trabalhar com crianças num centro de estudos e acredita que essa experiência lhe vai ser útil quando chegar a altura de entrar numa sala de aula. “De certa maneira, já conheço as dificuldades dos alunos”, diz. A grande mudança que pretende implementar como docente é ao nível do método de estudo da Matemática.

Quer encontrar uma maneira de ensinar “mais didática”, porque as dificuldades dos alunos nesta disciplina “têm que ver com o método que lhes é apresentado”, em que os alunos “não conseguem perceber como a Matemática é divertida” e acabam por achar a matéria muito difícil. Isso leva ao insucesso escolar e pode limitar o futuro de uma criança.

Esta aspirante à carreira docente sabe que ser professor não é uma profissão atrativa, porque há muitas dificuldades no caminho. Desde logo, pode ficar colocada longe de casa. Já se está a preparar mentalmente e financeiramente para essa eventualidade. “Vou fazer o meu ‘Erasmus’, passando pelo país, a saltar de escola em escola”, diz entre risos. Nada que a assuste. Será uma experiência de vida. Se for esse o preço a pagar para cumprir o sonho, que seja.

#### TROCAR O CERTO PELO INCERTO

Joana é jovem e livre. Mas há quem esteja agora a formar-se para ser professor com mais de 10 anos de experiência numa outra área profissional e com uma família a cargo. É o caso de Irina Carvalho, que já mexe diariamente em canetas de feltro, lápis, borrachas e cartolinas, mas sente que lhe falta algo mais para se sentir realizada no seu trabalho com crianças.

A coordenadora do ATL da Escola Básica do Alto do Moinho na freguesia de Corroios, concelho do Seixal, tem uma licenciatura em Animação Sociocultural e é profissional na área da educação desde 2009. Agora, com 36 anos e uma vida profissional estável, está disposta a arriscar. Decidiu voltar a estudar para ser professora do ensino básico.

“Comecei as aulas há apenas dois meses e tenho cada vez mais a certeza de que é este o meu caminho”, afirma. Está a tirar uma licenciatura em Educação Básica no Instituto Piaget, em Almada, o que implica um grande investimento financeiro. Era a única escola que lhe permitia conciliar os horários das aulas com o trabalho e a família. “Prefiro fazer este esforço financeiro do que abdicar da vida da minha filha, que tem 5 anos.” Irina tem a certeza de que vão valer a pena os cinco anos de estudos que tem pela frente – três de licenciatura e dois de mestrado.

“Enquanto animadora sociocultural, sempre procurei fazer forma-

ções que me ajudassem a melhorar o meu trabalho”, conta. Foi numa dessas formações com uma “coach” em educação positiva que despertou o sonho de ser professora. “O que quero mesmo é fazer a diferença na vida de 24 crianças de quatro em quatro anos.”

Irina não tem ilusões, conhece bem a realidade do ensino público. “A escola está formatada para o modelo tradicional que, na minha perspetiva, não vai ao encontro dos interesses das crianças, não é o mais eficaz e está completamente esgotado.”

Para ela, o professor tem como função ser “um elo de ligação para o conhecimento, não é a fonte do conhecimento”. É para esta mudança de mentalidade que quer contribuir: “Sei que, ao chegar a uma escola, não irei conseguir fazer milagres. Não vou lá para mudar o mundo, vou lá para mudar uma turma.”

Fazer pensar. É isso que Cassandra Gonçalves espera conseguir quando for professora de Filosofia. A jovem de 25 anos está no segundo ano do mestrado em Ensino de Filosofia no Ensino Secundário, na Universidade de Coimbra. Quando terminou a licenciatura em Filosofia, na Universidade do Porto, em 2017, já tinha em mente fazer o seu percurso profissional no ensino, mas a vida trocou-lhe as voltas.

“A minha avó, que foi quem me criou, foi diagnosticada com Alzheimer e ficou acamada. Tive de voltar para casa, na zona de Vagos, para lhe dar assistência.” Entretanto, arranjou trabalho com escriturária numa empresa local. Ironicamente, foi a pandemia que lhe abriu de novo as portas para a carreira docente. “Fiquei desempregada, e isso deu-me mais força para avançar para o mestrado. Se tivesse continuado naquela empresa, não sei se isso teria acontecido.”

Já está a estagiar na Escola Secundária de Oliveira do Bairro. Tem sido uma “experiência muito gratificante” ver os alunos interessarem-se pelos temas da Filosofia e fazerem muitas perguntas. “Acho que é fácil para eles identificarem-se com estas matérias, porque são universais e estão muito ligadas à cidadania.”

Cassandra espera “contribuir para formar cidadãos que pensam e que questionam o mundo que os rodeia”. E, por outro lado, pretende “implementar as tecnologias e outros dispositivos didáticos” nas suas aulas. Acredita que terá facilidade de colocação numa escola. “O ideal seria ficar na minha área de residência, mas sei que isso é muito complicado. Estou preocupada, mas vamos ver o que acontece.”

#### QUERER INOVAR MAS SEM ILUSÕES

Francisco Cardoso, de 23 anos, também está a estagiar na Escola Secundária Rodrigues de Freitas, no Porto. É aluno do segundo ano do mestrado em Ensino de História no 3.º ciclo do Ensino Básico na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Para ele, a carreira docente não tem muitos segredos. É filho de uma professora do ensino básico. Ser professor não foi propriamente um sonho. Foi antes uma porta que se abriu.

“Não tinha em mente ser professor quando entrei para a licenciatura em Arqueologia”, admite. Mas quando terminou o curso sentiu uma



certa desilusão com a prática da Arqueologia e percebeu que tinha poucas saídas profissionais. Começou a pensar no futuro e, incentivado por familiares que são docentes, decidiu seguir a via do ensino. "Sempre tive a noção de que não era fácil ser professor, mas na altura em que entrei para o mestrado começavam a sair algumas notícias sobre a falta de professores de História. Isso foi uma motivação extra."

Vestir a pele de professor ainda é estranho. Mas a sua grande motivação é "ajudar a formar cidadãos com conhecimento da História para que possam ser ativos na participação pública e na sociedade". Esse conhecimento é importante "para entender o presente e também para pensar o futuro em sociedade e na vida democrática", defende.

Francisco acredita que as universidades estão a preparar os futuros professores, tanto do ponto de vista científico como pedagógico, para terem "uma visão muito abrangente do que deve ser o ensino". O problema é que a realidade das escolas é diferente. Isso complica a situação dos professores jovens. De facto, "é difícil entendermos até que ponto vamos poder aplicar novas abordagens e criar situações mais dinâmicas na sala de aula, que fazem todo o sentido do ponto de vista didático", por causa da dificuldade na gestão do tempo.

"Vemos que os professores têm uma carga horária bastante grande. Há sempre muito trabalho para além das aulas, burocracia, reuniões... À dada altura, é difícil preparar atividades novas e diferentes, que exigem bastante tempo e estudo."

Inês Oliveira tem a mesma idade de Francisco. É das alunas mais novas do 2.º ano do mestrado de Ensino de Geografia no Instituto de Geografia e Ordenamento do Território da Universidade de Lisboa (IGOT).

"Sempre gostei de lidar com crianças, mas não posso dizer que nasci com esta vocação e que sempre quis ser professora. Acho que o sonho se foi construindo", explica. "Ao longo da vida, houve pequenos momentos em que percebi que era isto que queria".

O último "clique" foi durante o confinamento, quando ainda estava no último semestre da licenciatura em Geografia. "Foi uma altura má para toda a gente, mas para mim foi bastante interessante. Os meus pais têm três irmãs mais novas, que estão todos em ciclos de ensino diferentes, tivemos de nos organizar. Eu era a professora lá de casa. Combinávamos horários para corrigir os trabalhos de casa, e foi então que percebi que realmente era para o ensino que queria ir."

Porquê a Geografia? "Porque tive professores que me faziam querer saber mais do que aquilo que me ensinavam nas aulas. Não se limitavam a debitar matéria, queriam que fôssemos capazes de observar as coisas de outro modo. Foi o que me fez gostar bastante da disciplina", responde. Além disso, "é uma disciplina muito ligada com a sociedade".

A primeira vez que assumiu o papel de "professora" foi no ano letivo passado, numa turma do 8.º ano. "A parte mais curiosa é que fui ensinar numa escola onde andei no segundo e terceiro ciclo - a Escola Básica Eugénio dos Santos, em Alvalade. Foi interessante dar aulas para alunos que estavam sentados nas cadeiras onde já me sentei."

Quando entrar na profissão, Inês quer ter a postura de uma professora ligada à tecnologia, algo que já tenta implementar nas suas aulas experimentais. Os professores têm cada vez mais ferramentas ao seu dispor, sublinha. "Temos acesso a tantos recursos que precisamos de os aproveitar da melhor forma".

Inês quer também ser uma professora mais atenta, porque "todos os alunos são diferentes e têm potencialidades e fraquezas". No fundo, não se vai limitar a "abrir a página 50 do livro, debitar o que está lá e passar para a 51". É preciso que "os alunos relacionem os conteúdos, que sejam críticos".

#### PROCURA PELOS CURSOS AUMENTOU

Ser professor é socialmente visto como uma profissão pouco valorizada, que exige uma vida de sacrifício e que se presta a ele-



Inês Oliveira, de 23 anos, vai lecionar Geografia. É preciso que "os alunos relacionem os conteúdos, que sejam críticos", defende. Por isso

**Esta é uma geração "interessada em investir na profissão, que quer desenvolver um trabalho inovador e fazer a diferença", diz Carlos Barreira, professor em vários mestrados na Universidade de Coimbra.**

vados níveis de exaustão. Contribuiu para essa imagem o facto de, no início de todos os anos letivos, haver notícias que mostram docentes no desemprego ou colocados em escolas a muitos quilómetros da sua área de residência, longe das famílias. Essa situação fez com que muitas pessoas, mesmo as que têm mais vocação para o ensino, procurassem outras vias profissionais. A consequência foi a diminuição drástica da procura de alunos pelos mestrados de formação de professores. Alguns desses cursos tiveram mesmo de fechar durante alguns anos.

Sérgio Claudino forma professores de Geografia na Universidade de Lisboa há mais de três décadas. Lembra-se de, em 2016, estar a falar para uma turma do 1.º ano de licenciatura e dizer-lhes: "Têm noção de que quem tiver interesse em ir para o ensino tem emprego garantido?" Foi a risada geral. "Eles achavam que era mentira."

Já nessa altura era previsível que, sem a entrada de sangue novo e com uma classe docente envelhecida, o país ficaria confrontado com a falta de professores em várias disciplinas. Na semana passada, este cenário foi confirmado por um estudo de diagnóstico da Nova SBE sobre as necessidades de docentes até ao ano letivo 2030/31. De acordo com o relatório, vão faltar, nas escolas públicas portuguesas, uma média de 3.450 novos professores por ano. O total de necessidades de recrutamento cumulativas nesse período é de cerca de 34,5 mil novos docentes.

Essa falta de docentes já está a ser sentida em muitas escolas. As regiões de Lisboa e Vale do Tejo e do Algarve são as que mais horários têm por preencher sobretudo no 3.º ciclo e secundário em disciplinas como Informática, Inglês, Português e Geografia. A mensagem da falta de profissionais começou a passar há cerca de três anos e os cursos para a formação de professores voltaram a suscitar interesse, diz o coordenador do mestrado em Ensino de Geografia da Universidade de Lisboa.

Agora, "os meus melhores alunos de licenciatura já me dizem que se vão candidatar ao mestrado em ensino", perceberam que há oportunidades de emprego. Esta é uma mudança importante,



Sérgio Lemos



Duarte Roriz



, não se vai limitar a debitar matéria.

Irina Carvalho, de 36 anos, é coordenadora de um ATL numa escola na margem sul do Tejo, mas quer ser professora do ensino básico.

porque “eleva a qualidade dos futuros professores”.

Este ano, houve o dobro dos candidatos em relação ao número de vagas. Há 20 alunos a fazer o primeiro ano do mestrado em Ensino de Geografia e 17 estão no segundo ano.

Esta é uma tendência que também se verifica na Universidade do Porto. Neste momento, existem 32 alunos nos três mestrados para formação de professores na Faculdade de Ciências – em Biologia e Geologia, Matemática e Física e Química. Nos anos anteriores, o número total andava entre os 12 e os 15 alunos. Os cursos para professores em Artes Visuais costumavam ter cerca de 20 alunos por ano. Agora entraram 31 e concorreram mais de 70 pessoas. “É a primeira vez que temos mais procura do que oferta”, diz Rui Trindade, que leciona o módulo de Psicologia do Desenvolvimento em todos estes cursos.

A maioria dos alunos são jovens, mas também há um nicho de pessoas mais velhas que “tiveram experiências profissionais na indústria – nomeadamente os que estão nas áreas da Física e da Química –, e que se sentiram muito mal tratados”. Vieram para o ensino, porque “preferem ter um ambiente de trabalho mais humano e, eventualmente, mais gratificante”.

Na Universidade de Coimbra estão a ser formados 85 alunos em todos os mestrados de ensino das duas faculdades – Ciências e Letras. Desde o ano letivo de 2015/2016, altura em que tinham 33 mestrados, que tem havido uma procura constante por estes cursos, diz Carlos Barreira, que leciona o módulo de Desenvolvimento Curricular e Avaliação.

“Estamos perante uma geração de alunos interessada em investir na profissão, que quer desenvolver um trabalho inovador e fazer a diferença”, sublinha.

Apesar do crescente interesse pela carreira docente, o estudo de diagnóstico da Nova SBE alerta que “o número anual de diplomados de mestrados em formação de docentes é claramente insuficiente para satisfazer as necessidades”. É neste contexto que Joana, Irina, Inês, Francisco e Cassandra vão entrar na profissão. Falta de trabalho é algo que, certamente, não terão. w

**“Os melhores alunos de licenciatura já dizem que se vão candidatar ao mestrado em ensino” porque perceberam que há oportunidades de emprego. Esta é uma mudança importante, “eleva a qualidade dos futuros professores”, diz Sérgio Claudino, coordenador do mestrado em Ensino de Geografia da Universidade de Lisboa.**

Paulo Duarte



Francisco Cardoso prepara-se para ser professor de História. A falta de professores nesta disciplina motivou-o a seguir esta carreira.

Área: 2731cm² / 73%

Tiragem: 16 981

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 7283377